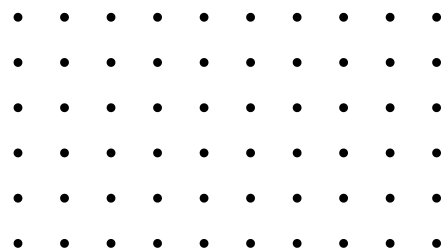


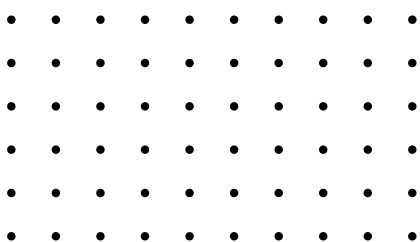


E-BOOK
EDUCAÇÃO



Avaliação por Rubrica em Metodologias Ativas: Diagnóstico, Aplicabilidade e Desafios na Formação Docente e na Prática Avaliativa no Ensino Superior.

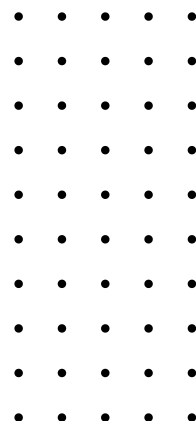
André Cavichioli Brito
2025

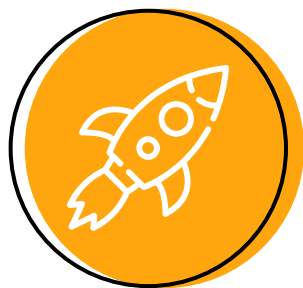


EDUCABEE: **TRANSFORMANDO** **EDUCAÇÃO**

A Educabee é uma consultoria educacional com mais de 15 anos de experiência na transformação de instituições de ensino em todo o Brasil. Atuamos com foco em inovação pedagógica, planejamento estratégico, formação docente e captação de alunos, sempre com soluções personalizadas e orientadas para resultados.

Nossa missão é impulsionar o desenvolvimento de práticas educacionais mais humanas, criativas e eficazes, preparando instituições, professores e estudantes para os desafios contemporâneos da educação.





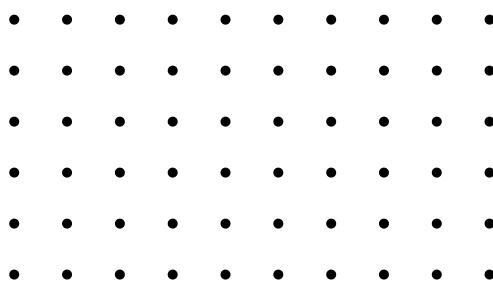
1. REPENSANDO A AVALIAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR: POR QUÊ E PARA QUÊ?

NA avaliação da aprendizagem no ensino superior tradicionalmente esteve pautada em métodos predominantemente somativos, centrados em provas escritas e trabalhos que privilegiam a reprodução do conteúdo memorizado. Esse modelo, muito difundido até o final do século XX, enfatiza o resultado final, muitas vezes desconsiderando a complexidade do processo de construção do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e cognitivas avançadas (Gusso & Sánchez, 2016).

No contexto brasileiro, o modelo tecnicista de avaliação se consolidou principalmente a partir da década de 1970, em um ambiente de expansão do ensino superior voltado à qualificação profissional. A Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996) trouxeram uma mudança significativa ao reconhecerem o ensino superior como parte essencial para a formação integral do cidadão, com ênfase no desenvolvimento de competências e habilidades para a vida e para o trabalho (BRASIL, 1996; BRASIL, 2018).

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os diversos cursos superiores vêm progressivamente recomendando a avaliação contínua, processual e formativa, integrada à proposta pedagógica que privilegia a aprendizagem ativa e contextualizada (CNE, 2002; CNE, 2018). Essa mudança está alinhada às demandas da sociedade do conhecimento e à economia do século XXI, que requer profissionais críticos, criativos e autônomos.

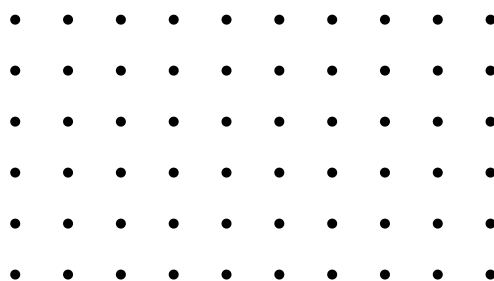
Internacionalmente, organismos como a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD) e UNESCO reforçam essa visão, destacando a importância da avaliação formativa e da construção de competências complexas que ultrapassam o saber memorístico, enfatizando habilidades de pensamento crítico, solução de problemas e colaboração (OECD, 2019).





NO avanço das metodologias ativas, que incluem a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL), Team-Based Learning (TBL), aprendizagem baseada em projetos (ABP), sala de aula invertida, gamificação e metodologias híbridas, reforça essa tendência. Essas abordagens colocam o estudante no centro do processo, estimulando o protagonismo e a construção autônoma do conhecimento (Freeman et al., 2014; Morán, 2015).

Segundo Biggs e Tang (2007), a avaliação deve ser um componente integrado do currículo por competências, promovendo a autorregulação da aprendizagem e fornecendo feedback contínuo para que o estudante avance em sua formação de forma consciente e crítica.



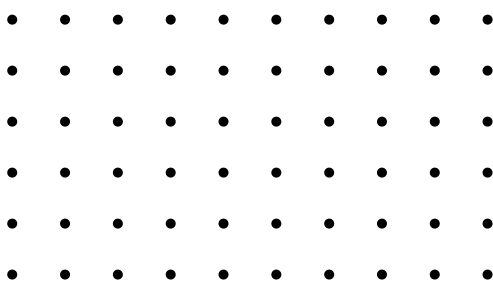


2. AVALIAÇÃO POR RUBRICA: CONCEITOS, ESTRUTURA E FUNÇÃO PEDAGÓGICA

As rubricas constituem instrumentos avaliativos que definem critérios e níveis de desempenho esperados para determinada tarefa ou atividade acadêmica, possibilitando uma avaliação transparente, justa e formativa (Andrade, 2005; Panadero & Jonsson, 2013).

Tipos de Rubricas: Análises distintas com propósitos complementares
As rubricas, enquanto instrumentos de avaliação estruturados, podem ser classificadas em dois grandes tipos, de acordo com o foco da análise:

- **Rubricas Analíticas:** Avaliam o desempenho do estudante separando os critérios em partes distintas. Por exemplo, em uma apresentação oral, pode-se avaliar separadamente a clareza da comunicação, o domínio do conteúdo, a organização das ideias e o uso de recursos visuais. Cada dimensão recebe uma nota ou conceito próprio, permitindo ao professor e ao aluno um diagnóstico detalhado dos pontos fortes e das áreas que precisam ser melhoradas.
- **Rubricas Holísticas:** Consideram o desempenho como um todo, de maneira integrada. A avaliação é feita com base em uma impressão geral ou numa síntese de critérios, sem discriminar os componentes separadamente. Esse tipo é útil em contextos que exigem interpretação global, como projetos criativos ou desempenho em situações complexas.





2.1 Estrutura das Rubricas: Elementos essenciais para uma avaliação formativa eficaz

A construção de uma rubrica eficaz exige atenção a três elementos fundamentais:

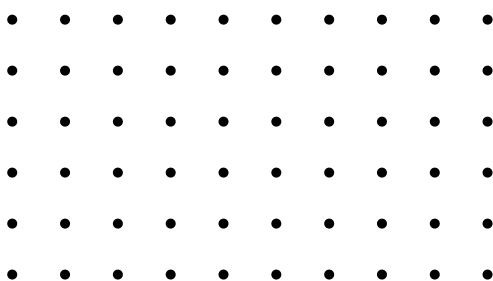
CrITÉRIOS de avaliação: São os aspectos que serão observados e avaliados no desempenho do estudante. Esses critérios devem estar diretamente relacionados aos objetivos de aprendizagem e podem incluir, por exemplo:

- Coerência argumentativa;
- Domínio conceitual e técnico;
- Originalidade na abordagem;
- Uso adequado de fontes e referências.

NÍVEIS de desempenho: Representam uma escala graduada da qualidade do trabalho do estudante. Cada nível deve refletir **graus crescentes de proficiência**, como:

- Insatisfatório;
- Básico;
- Adequado;
- Avançado;
- Excelente.

Descritores: São as **descrições detalhadas** de cada critério em cada nível. Eles explicam com clareza o que caracteriza, por exemplo, uma performance “básica” em termos de argumentação, ou o que torna uma análise “excelente” em profundidade crítica. Os descritores são essenciais para garantir **transparência e objetividade** na avaliação.





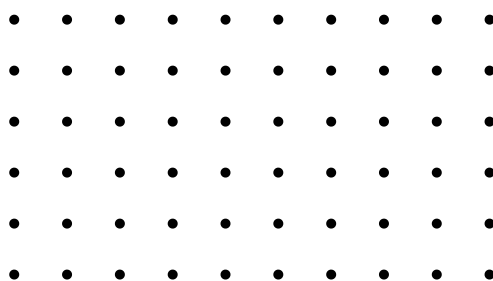
2.2 Função Pedagógica das Rubricas: Muito além da mensuração

As rubricas não servem apenas para atribuir notas. Quando bem aplicadas, elas se tornam ferramentas pedagógicas valiosas, atuando diretamente no processo de aprendizagem:

- **Clarificam expectativas:** Ao apresentar os critérios e os níveis de desempenho desde o início da atividade, o estudante sabe **o que se espera** dele, o que favorece um trabalho mais consciente e direcionado.
- **Aprimoram a metacognição:** Com acesso aos descritores e critérios, o aluno pode **refletir sobre sua própria aprendizagem**, comparando seu desempenho ao que é esperado e identificando onde melhorar.
- **Facilitam a autoavaliação e coavaliação:** Em contextos de metodologias ativas, como aprendizagem baseada em projetos (ABP), resolução de problemas (PBL) ou design thinking, o uso de rubricas permite que os próprios estudantes participem do processo avaliativo, desenvolvendo senso crítico e autonomia.
- **Oferecem feedback rico e construtivo:** Ao invés de uma simples nota final, o estudante recebe um retorno **detalhado e criterioso** sobre seu desempenho, o que favorece ajustes e aprimoramentos contínuos.

Auxiliam na padronização e objetividade da avaliação, reduzindo a subjetividade e aumentando a confiabilidade entre avaliadores (Sadler, 1989; Stiggins, 2005).

No contexto internacional, o uso de rubricas é incentivado como prática recomendada em instituições de ensino superiores nos Estados Unidos, Europa, Austrália e Canadá, com estudos que mostram seu impacto positivo na aprendizagem e satisfação estudantil (Jonsson & Svingby, 2007; Andrade, 2005).





3. A RUBRICA NO CONTEXTO DAS METODOLOGIAS ATIVAS

Metodologias ativas exigem avaliações que acompanhem o **desenvolvimento da aprendizagem**, respeitando a complexidade das habilidades mobilizadas e o processo formativo do estudante. As rubricas se mostram ferramentas adequadas para essas situações, pois permitem avaliar:

Projetos **interdisciplinares** que envolvem análise crítica, integração de saberes e solução de problemas reais;

Dinâmicas de grupo que demandam colaboração, comunicação e tomada de decisão;

Produções multimodais, como apresentações, vídeos, podcasts, blogs e portfólios reflexivos;

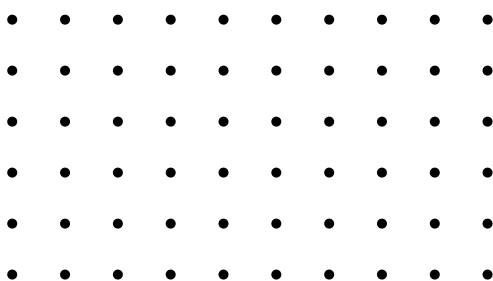
Estágios supervisionados e práticas extensionistas que integram teoria, prática e contexto social.

Por exemplo, em cursos da **área da Saúde**, rubricas são usadas para avaliar competências clínicas e comportamentais em simulações e atendimentos reais, promovendo a reflexão crítica sobre a atuação profissional (McGaghie et al., 2011).

Em **Engenharia**, rubricas facilitam a avaliação da criatividade, rigor técnico, viabilidade e inovação de projetos, essenciais para o desenvolvimento de profissionais aptos a enfrentar desafios reais (Doppelt, 2003).

Em **Licenciaturas**, as rubricas incentivam a análise crítica das práticas pedagógicas e a reflexão sobre o impacto do ensino, fortalecendo a identidade profissional docente (Klenowski, 2009).

No **Brasil**, universidades como a USP, UFMG, UFSC, PUCPR e UDESC têm relatado resultados positivos no desenvolvimento das habilidades complexas quando combinam metodologias ativas e avaliação por rubricas.





4. DADOS HISTÓRICOS E EVIDÊNCIAS DO IMPACTO DA AVALIAÇÃO POR RUBRICAS NO DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS AO LONGO DA GRADUAÇÃO

Evidências científicas nacionais e internacionais demonstram que a avaliação por rubricas, quando articulada a metodologias ativas, favorece o desenvolvimento cognitivo, prático e socioemocional dos estudantes ao longo da graduação.

No Brasil:

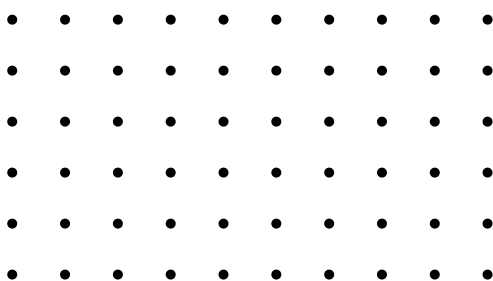
Um estudo da PUCPR (2022) revelou aumento médio de 18% no desempenho prático dos estudantes em disciplinas que utilizam rubricas e relatou que 85% dos alunos passaram a compreender melhor suas competências e limitações;

Na UFABC (2020), turmas que utilizaram rubricas ao longo dos oito semestres tiveram um aumento de até 33% nas médias de avaliações práticas e melhora de 40% na qualidade de projetos interdisciplinares; Relatos qualitativos indicam que as rubricas facilitam a autorregulação e a reflexão crítica, promovendo maior autonomia dos estudantes.

No cenário internacional:

Um relatório da OECD (2019) evidenciou que países que incorporam avaliação formativa e rubricas em seus sistemas educacionais apresentam melhores índices de desempenho em habilidades complexas;

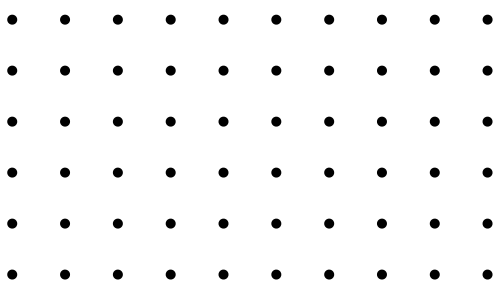
Estudo da Fundação Lemann em parceria com Stanford (2021) indicou que estudantes submetidos a avaliações formativas desde o início da graduação apresentam 25% a mais de engajamento e retenção do conhecimento;





Pesquisas nos EUA e Europa demonstram que o uso de rubricas reduz a ansiedade dos estudantes frente à avaliação e aumenta a transparência e a percepção de justiça no processo (Brookhart, 2013; Jonsson & Svingby, 2007).

Essas evidências convergem para a importância da **avaliação contínua e formativa** como mecanismo de apoio ao desenvolvimento integral dos estudantes, garantindo a construção progressiva de competências e a preparação para desafios reais.





5. DIAGNÓSTICO INSTITUCIONAL E DESAFIOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DA AVALIAÇÃO POR RUBRICAS NO ENSINO SUPERIOR

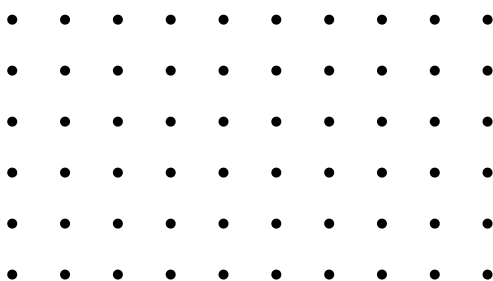
Apesar dos avanços nas discussões sobre inovação pedagógica e metodologias ativas, a adoção efetiva da avaliação por rubricas no ensino superior brasileiro ainda encontra diversos entraves estruturais e culturais. A seguir, detalhamos os principais desafios identificados por pesquisas recentes e por instituições de ensino comprometidas com processos formativos mais qualitativos.

a) Insuficiência na formação docente para avaliação formativa.

Segundo levantamento da CAPES (2019), cerca de 63% dos docentes do ensino superior afirmam não se sentirem plenamente preparados para planejar e aplicar instrumentos avaliativos inovadores, como as rubricas. Muitos professores não tiveram contato com esse tipo de abordagem em sua formação inicial e carecem de formação continuada voltada para práticas avaliativas coerentes com metodologias ativas. A avaliação, nesse cenário, ainda é vista como um fim e não como parte do processo de aprendizagem.

b) Sobrecarga de trabalho docente e tempo escasso para planejamento.

A realidade nas instituições de ensino superior (IES) revela uma alta carga horária de ensino e demandas administrativas crescentes, o que reduz o tempo disponível para o planejamento pedagógico e para a elaboração de instrumentos avaliativos mais sofisticados. Como a construção de uma rubrica exige reflexão criteriosa e alinhamento com objetivos de aprendizagem, muitos docentes acabam optando por métodos mais tradicionais e rápidos de correção, como provas objetivas ou trabalhos com critérios pouco explícitos.





c) Cultura avaliativa tradicional e resistência a mudanças.

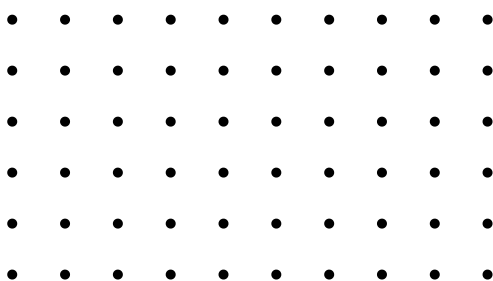
Ainda predomina, no ambiente acadêmico, uma cultura de avaliação somativa e classificatória, centrada na atribuição de notas ao final das atividades ou disciplinas. Isso dificulta a introdução de práticas avaliativas que demandam participação ativa do aluno, como a autoavaliação e a coavaliação por rubricas. A resistência pode vir tanto de docentes quanto de estudantes, que inicialmente veem as rubricas como mais exigentes ou subjetivas, por falta de familiaridade com seu uso.

d) Ausência de diretrizes institucionais claras.

Em muitas IES, o uso de rubricas ainda depende exclusivamente da iniciativa individual de professores inovadores. Faltam políticas institucionais, normativas e incentivos formais que sustentem a avaliação formativa como diretriz pedagógica. A inexistência de uma política avaliativa institucional dificulta a padronização, o compartilhamento de boas práticas e o desenvolvimento de uma cultura colaborativa em torno da aprendizagem.

e) Desalinhamento entre currículo e instrumentos avaliativos.

Em diversas instituições, os Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) ainda não contemplam com clareza competências e habilidades mensuráveis por meio de avaliações formativas. Muitas vezes, os conteúdos e os métodos de avaliação adotados não correspondem à proposta pedagógica do curso, criando um descompasso entre o que se ensina, o que se espera que o aluno aprenda e como isso é avaliado.





f) Barreiras tecnológicas e operacionais.

Outro obstáculo frequente é a falta de plataformas tecnológicas que facilitem o uso sistemático de rubricas. Em muitos ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs), não há ferramentas intuitivas para criar, aplicar, corrigir e gerar relatórios baseados em rubricas. Isso desestimula os professores e dificulta a retroalimentação pedagógica.

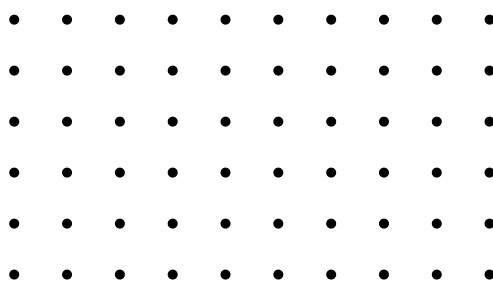
5.1 Superação dos desafios: estratégias viáveis

Para avançar na institucionalização das rubricas no ensino superior, é fundamental articular ações em **três níveis**:

Formação docente continuada: Investir em capacitações específicas que abordem práticas avaliativas alinhadas a metodologias ativas, com foco prático e colaborativo.

Políticas institucionais claras: Estabelecer diretrizes sobre avaliação formativa no plano pedagógico da IES, com incentivo à experimentação, flexibilização curricular e criação de bancos de rubricas compartilhados entre docentes.

Uso de tecnologia educacional: Adotar e customizar ambientes virtuais que permitam integrar rubricas às atividades avaliativas, facilitando o acompanhamento e o feedback contínuo aos alunos.





6. ETAPAS PARA ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO EFICAZ DAS RUBRICAS NO ENSINO SUPERIOR

A construção e uso eficiente de rubricas exigem **planejamento didático intencional**, alinhado ao currículo e às estratégias de ensino-aprendizagem. O processo envolve múltiplas etapas integradas, que visam assegurar a clareza, a equidade e o potencial formativo do instrumento avaliativo. A seguir, detalhamos cada uma dessas etapas:

- **Identificação das competências e habilidades a serem avaliadas.**

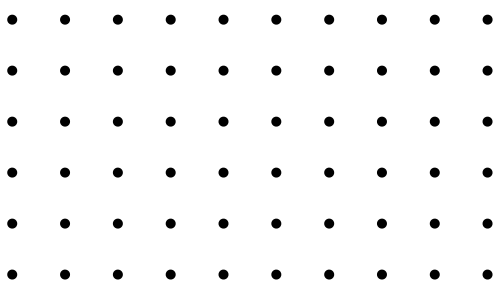
Antes de elaborar qualquer rubrica, é essencial definir quais competências cognitivas, técnicas, comunicacionais, éticas e/ou socioemocionais serão avaliadas. Isso deve estar em sintonia com o Projeto Pedagógico do Curso (PPC), as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) e os objetivos específicos da disciplina. Exemplo: em um curso de Biomedicina, pode-se buscar avaliar a competência “análise crítica de resultados laboratoriais em contextos clínicos”.

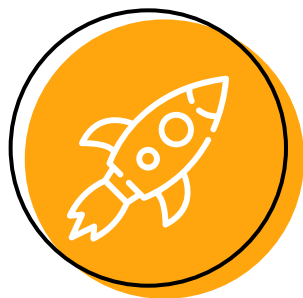
- **Definição clara e mensurável dos critérios de avaliação.**

Cada competência deve ser desdobrada em critérios observáveis e mensuráveis, que representem comportamentos ou evidências concretas de aprendizagem. Evita-se o uso de termos genéricos como “bom” ou “adequado”, optando por descrições como “articula evidências científicas na argumentação” ou “utiliza corretamente os protocolos técnicos”.

- **Construção de níveis graduais de desempenho.**

A rubrica deve apresentar níveis progressivos de qualidade – geralmente quatro (ex: insuficiente, básico, satisfatório, excelente) – que permitam captar o percurso do estudante ao longo da aprendizagem. Avaliações dicotômicas (certo/errado) são pouco informativas e inibem o feedback. É recomendável que os níveis sejam graduais, realistas e desafiadores, incentivando a progressão contínua.





- **Desenvolvimento de descritores claros e objetivos.**

Cada nível de cada critério deve conter descritores precisos, escritos em linguagem acessível, com verbos operacionais alinhados à taxonomia de Bloom (como identificar, interpretar, aplicar, argumentar, propor). Esses descritores ajudam o aluno a compreender o que se espera em cada patamar e o docente a avaliar de forma padronizada e justa.

- **Validação e revisão da rubrica.**

Antes de ser aplicada em larga escala, a rubrica deve passar por um processo de testagem piloto, com atividades práticas e coleta de feedbacks de professores e estudantes. A análise desses dados permite verificar a clareza dos descritores, a coerência dos níveis e a aplicabilidade dos critérios. A revisão contínua é fundamental para aprimorar o instrumento e ajustá-lo ao contexto da disciplina ou do curso.

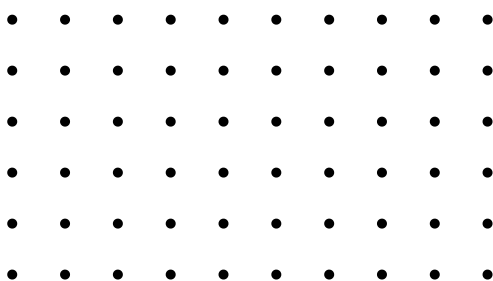
- **Uso formativo da rubrica: instrumento de ensino, não só de medição.**

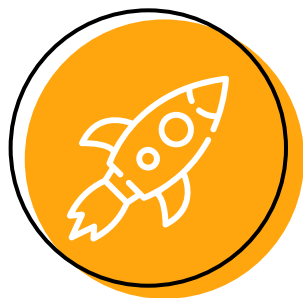
Mais do que atribuir notas, a rubrica deve ser usada como ferramenta formativa, ou seja, para orientar o aprendizado. Isso envolve:

Compartilhar a rubrica com os estudantes antes da atividade, para tornar transparentes os objetivos e expectativas;

Estimular **autoavaliação e coavaliação**, desenvolvendo consciência crítica e autorregulação;

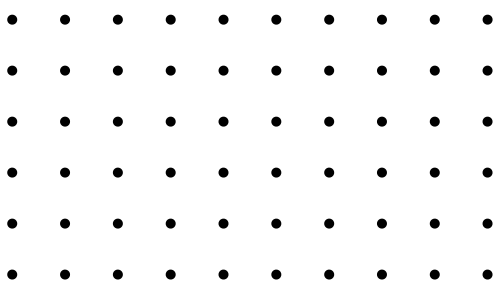
Utilizar a rubrica como base para o **feedback qualitativo e construtivo**, essencial para o aprimoramento contínuo.





- **Integração longitudinal no currículo.**

A aplicação de rubricas deve ir além do uso pontual: idealmente, elas devem ser **integradas ao longo de todo o curso**, possibilitando o acompanhamento do **desenvolvimento das competências** em diferentes fases da formação. Essa abordagem fortalece o **alinhamento entre ensino, aprendizagem** e avaliação, contribuindo para um percurso formativo mais consistente e significativo.





7. EXPERIÊNCIAS BRASILEIRAS EXEMPLARES NO USO DE RUBRICAS EM METODOLOGIAS ATIVAS

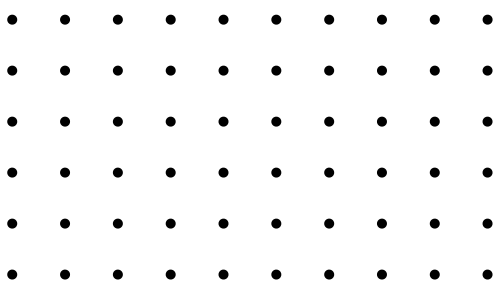
A aplicação de rubricas no **ensino superior brasileiro** vem crescendo, especialmente em instituições comprometidas com abordagens pedagógicas inovadoras e centradas no estudante. Algumas universidades e centros universitários se destacam por integrar rubricas de forma sistemática em práticas de metodologias ativas, promovendo uma avaliação mais formativa, reflexiva e alinhada às competências profissionais. A seguir, detalhamos algumas experiências significativas:

Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

A PUCPR desenvolveu uma matriz avaliativa por competências estruturada com base em rubricas que acompanham os ciclos formativos do currículo por competências. A universidade utiliza metodologias ativas como Problem-Based Learning (PBL) e Team-Based Learning (TBL), em que as rubricas servem para avaliar o desempenho individual e coletivo dos estudantes, com foco no raciocínio clínico, colaboração e resolução de problemas. Os critérios são elaborados com base nos resultados de aprendizagem previstos em cada eixo curricular.

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Na UFSC, as rubricas são amplamente utilizadas em projetos interdisciplinares, atividades extensionistas e em disciplinas com forte componente prático, como Engenharia, Arquitetura e Educação. Docentes da instituição relatam que o uso de rubricas contribui para tornar a avaliação mais transparente e participativa, além de estimular a autorreflexão e o desenvolvimento progressivo de competências ao longo do curso. A UFSC também incentiva sua utilização em ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), como o Moodle.





Centro Universitário São Camilo (SP).

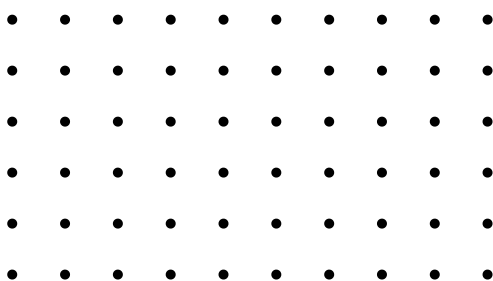
Com tradição na área da Saúde, o Centro Universitário São Camilo incorporou o uso de rubricas em cursos híbridos e presenciais, sobretudo nas atividades de simulação clínica, práticas laboratoriais e projetos interprofissionais. A instituição utiliza rubricas com critérios como empatia, tomada de decisão, raciocínio ético e domínio técnico, integrando habilidades técnicas e comportamentais. Isso favorece uma avaliação mais complexa e alinhada às competências exigidas nos estágios e na futura atuação profissional dos alunos.

Instituto Federal do Paraná (IFPR).

O IFPR tem experiências bem-sucedidas com rubricas em projetos integradores e interdisciplinares, aplicados tanto no ensino técnico quanto na graduação. As rubricas são elaboradas de forma colaborativa com os alunos e docentes, valorizando a participação ativa, a resolução de problemas reais e a interdisciplinaridade. O uso de rubricas ajuda a garantir coerência avaliativa entre disciplinas diferentes e permite que o estudante compreenda melhor seu processo formativo.

Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

A UDESC, especialmente nas licenciaturas, adota rubricas para promover uma avaliação mais reflexiva e dialógica. As rubricas são utilizadas não apenas por professores, mas também pelos estudantes, em processos de autoavaliação e coavaliação, alinhados às práticas pedagógicas construtivistas. Isso contribui para o fortalecimento da metacognição e da autonomia discente, além de fomentar uma cultura avaliativa mais democrática.





8. AVALIAÇÃO POR RUBRICA COMO ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO DOCENTE E EMPODERAMENTO PEDAGÓGICO

A avaliação por rubricas **não deve ser compreendida apenas como um instrumento técnico de mensuração**, mas como uma estratégia potente de formação docente contínua e de empoderamento pedagógico. Sua elaboração e uso envolvem processos reflexivos que impactam diretamente a identidade profissional do professor e sua forma de planejar, acompanhar e transformar a aprendizagem.

8.1 Redefinição do papel docente

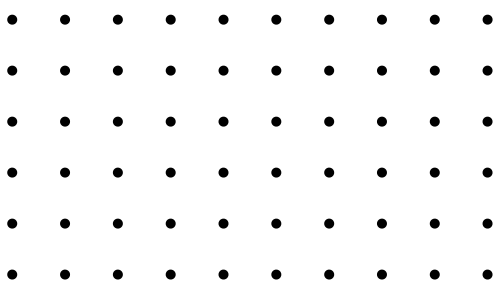
Ao utilizar rubricas, o professor deixa de atuar como mero transmissor de conteúdos e julgador final do desempenho, assumindo o papel de **mediador da aprendizagem**. Ele passa a construir critérios em diálogo com os objetivos formativos, promovendo a transparência avaliativa e tornando o estudante protagonista do processo.

8.2. Desenvolvimento da identidade pedagógica reflexiva

A criação de rubricas exige que o professor reflita profundamente sobre o que significa **aprender bem** em sua área. Isso fortalece sua identidade como educador, pois ele precisa explicitar e tornar visíveis os critérios de excelência, promover coerência entre ensino, avaliação e currículo, e avaliar para além do conteúdo, considerando competências **cognitivas, socioemocionais e éticas**.

8.3 Formação ética e crítica da avaliação

Rubricas bem construídas evitam arbitrariedades e subjetividades comuns em avaliações tradicionais, promovendo justiça educacional. Elas contribuem para uma avaliação **formativa, ética e democrática**, que respeita a diversidade de estilos de aprendizagem e oferece oportunidades reais de progressão.





8.4 Estímulo à colaboração entre docentes

A construção colaborativa de rubricas em colegiados, núcleos docentes estruturantes (NDEs) ou comissões pedagógicas favorece a criação de **comunidades de prática docente**. Professores compartilham entendimentos sobre o que é qualidade no desempenho discente, o que fortalece o currículo integrado e o trabalho interdisciplinar.

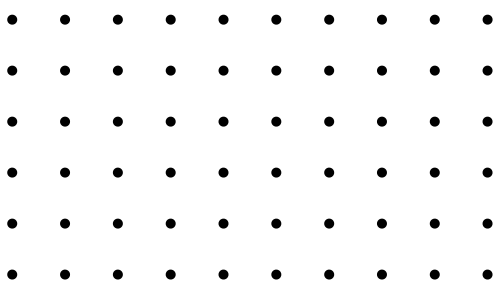
8.5 Engajamento com a aprendizagem dos estudantes

Com rubricas claras, os estudantes entendem melhor **o que é esperado**, como serão avaliados e onde precisam melhorar. Isso gera **maior engajamento, autorregulação e autonomia**, impactando positivamente o clima de sala de aula e os resultados de aprendizagem.

8.6 Programas de formação docente e exemplos institucionais

Instituições brasileiras têm avançado na formação docente voltada à avaliação por rubricas:

- **UNICAMP**: oferece laboratórios pedagógicos onde docentes constroem rubricas para projetos integradores e unidades curriculares baseadas em problemas;
- **UFRGS**: por meio do Núcleo de Apoio Pedagógico, promove oficinas de elaboração de rubricas associadas à aprendizagem baseada em competências;
- **USP**: desenvolve ações no Programa de Formação de Professores para o Ensino Superior.





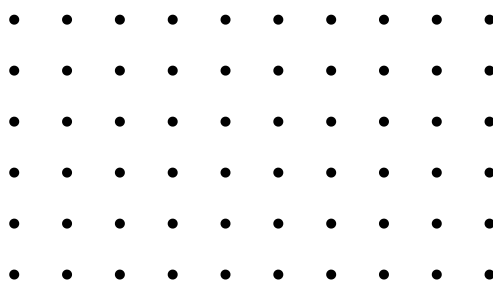
9. PERSPECTIVAS FUTURAS NA AVALIAÇÃO POR RUBRICAS NO ENSINO SUPERIOR

O futuro da avaliação por rubricas no ensino superior aponta para uma evolução significativa em direção à **inovação tecnológica, personalização da aprendizagem, inclusão e análise pedagógica baseada em evidências**. As tendências emergentes refletem mudanças tanto no campo educacional quanto nas demandas contemporâneas da sociedade e do mercado de trabalho.

9.1 Integração com plataformas digitais e sistemas inteligentes

Com o avanço de ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) e sistemas de gestão educacional, espera-se que as rubricas:

- Se tornem **interativas e automatizadas**, permitindo a inserção de descritores em plataformas como Moodle, Canvas e Google Classroom;
- Ofereçam **feedbacks instantâneos e personalizados** com base no desempenho observado;
- Se integrem a sistemas de **Business Intelligence** para análise preditiva, ajudando a identificar padrões de aprendizagem e vulnerabilidades dos estudantes;
- Possibilitem a rastreabilidade do progresso dos alunos ao longo do tempo, por meio de dashboards acadêmicos.





9.2 Avaliações adaptativas e personalizadas

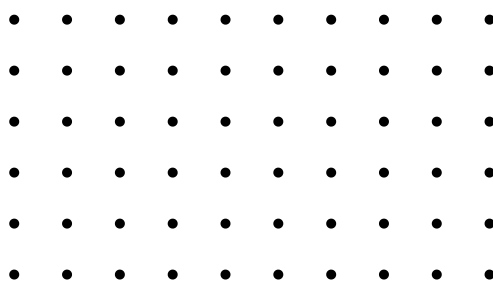
O uso de inteligência artificial e machine learning pode permitir que rubricas:

- Se adaptem ao **perfil cognitivo e comportamental** dos alunos, oferecendo diferentes níveis de desafio conforme a trajetória individual;
- Suportem **microavaliações contínuas** integradas a atividades modulares;
- Contribuam para um acompanhamento **formativo mais sensível**, respeitando o tempo e o estilo de aprendizagem de cada estudante.

9.3 Expansão da autoavaliação e da coavaliação (peer assessment)

No contexto de metodologias ativas, como aprendizagem baseada em projetos (PBL) ou em problemas (ABP), o uso de rubricas tem grande potencial para:

- Fortalecer a **autorregulação da aprendizagem**, permitindo que os estudantes analisem criticamente seu próprio desempenho com base em critérios claros;
- Fomentar a **avaliação entre pares com qualidade**, promovendo habilidades de comunicação, empatia, escuta ativa e pensamento crítico;
- Estimular a **ética avaliativa**, ao criar ambientes em que todos compreendem o propósito da avaliação como formativa e construtiva.





9.4 Rubricas como instrumento de portfólios digitais

A incorporação de rubricas em **e-portfólios** oferece múltiplas possibilidades:

- **Documentar o progresso do aluno ao longo do curso**, valorizando trajetórias e não apenas resultados finais;
- Permitir que os estudantes **demonstrem evidências reais de aprendizagem e competências desenvolvidas**, úteis inclusive em processos de empregabilidade;
- Viabilizar **avaliações integradas entre disciplinas**, fortalecendo a interdisciplinaridade e a articulação curricular.

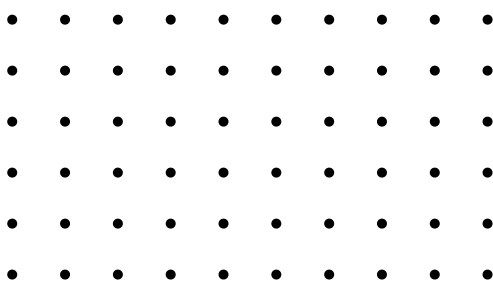
9.5 Potencial para avaliação mais inclusiva e equitativa

Com descritores objetivos e critérios bem definidos, as rubricas:

- Reduzem a subjetividade, promovendo uma avaliação mais transparente e justa;
- Favorecem a acessibilidade, com formatos adaptáveis a estudantes com deficiência ou com necessidades específicas;
- Contribuem para uma cultura de avaliação humanizada, que considera o contexto de cada estudante e promove o desenvolvimento integral.

9.6 Formação de profissionais para o século XXI

Essas inovações favorecem a construção de competências essenciais, como pensamento crítico, resolução de problemas, trabalho em equipe, comunicação e ética. As rubricas serão cada vez mais utilizadas não apenas como instrumento avaliativo, mas como **ferramenta de desenvolvimento profissional e de accountability pedagógica**.



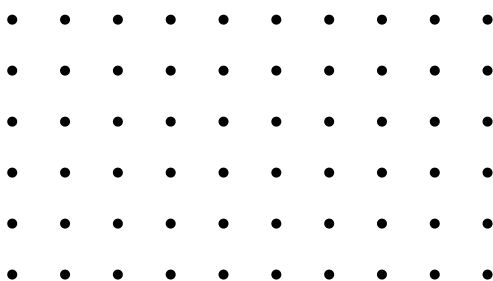


10. RUMO A UMA AVALIAÇÃO FORMATIVA, ÉTICA E TRANSFORMADORA

A avaliação por rubrica, alinhada às metodologias ativas, representa um avanço paradigmático no ensino superior. Ela desloca o foco da mera atribuição de notas para a construção de processos formativos que promovem autonomia, justiça, transparência e o desenvolvimento de competências complexas.

Para que essa mudança seja consolidada, é essencial o investimento em formação docente, planejamento coletivo e políticas institucionais que valorizem o tempo e a reflexão dedicados à avaliação.

Mais do que técnica, a rubrica é compromisso com uma educação superior centrada no ser humano, na aprendizagem significativa e na construção de uma sociedade mais crítica e ética.





REFERÊNCIAS

Andrade, H. G. (2005). Teaching with rubrics: The good, the bad, and the ugly. *College Teaching*, 53(1), 27-30.

Biggs, J., & Tang, C. (2007). *Teaching for quality learning at university*. Open University Press.

Brookhart, S. M. (2013). *How to create and use rubrics for formative assessment and grading*. ASCD.

Brasil. (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996)*. Brasília.

Brasil. (2018). *Diretrizes Curriculares Nacionais*. Ministério da Educação.

CAPES. (2019). *Levantamento Nacional sobre Formação Docente no Ensino Superior*.

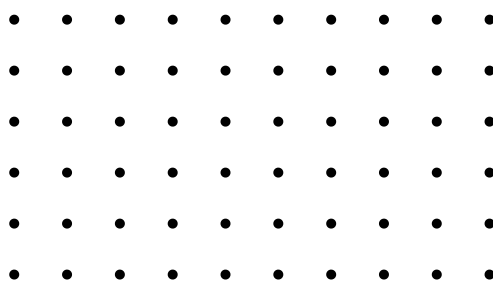
Doppelt, Y. (2003). Implementation and assessment of project-based learning in a flexible environment. *International Journal of Technology and Design Education*, 13(3), 255-272.

Freeman, S. et al. (2014). Active learning increases student performance in science, engineering, and mathematics. *PNAS*, 111(23), 8410-8415.

Gusso, A. S., & Sánchez, J. C. (2016). Avaliação da aprendizagem: uma análise crítica dos modelos tradicionais e das propostas inovadoras. *Educação & Pesquisa*, 42(4), 1023-1038.

Jonsson, A., & Svingby, G. (2007). The use of scoring rubrics: Reliability, validity and educational consequences. *Educational Research Review*, 2(2), 130-144.

Klenowski, V. (2009). Assessment for learning revisited: An Asia-Pacific perspective. *Assessment in Education: Principles, Policy & Practice*, 16(3), 263-268.





REFERÊNCIAS

McGaghie, W. C., Issenberg, S. B., Petrusa, E. R., & Scalese, R. J. (2011). A critical review of simulation-based medical education research: 2003–2009. *Medical Education*, 44(1), 50–63.

Morán, J. (2015). *Metodologias ativas para uma educação inovadora*. Papirus.

OECD. (2019). *Education at a Glance 2019: OECD Indicators*. OECD Publishing.

Panadero, E., & Jonsson, A. (2013). The use of scoring rubrics for formative assessment purposes revisited: A review. *Educational Research Review*, 9, 129–144.

Panadero, E. (2017). A review of self-regulated learning: Six models and four directions for research. *Frontiers in Psychology*, 8, 422.

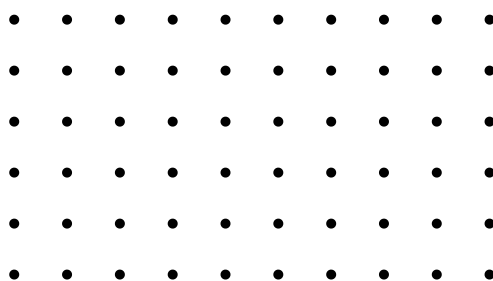
PUCPR. (2022). *Relatório de Avaliação Institucional – Núcleo de Inovação Pedagógica*.

Sadler, D. R. (1989). Formative assessment and the design of instructional systems. *Instructional Science*, 18(2), 119–144.

Scaff, E. (2020). *Avaliação por rubrica: fundamentos e aplicação em cursos por competências*. Scaffold Education.

Stiggins, R. J. (2005). From formative assessment to assessment FOR learning: A path to success in standards-based schools. *Phi Delta Kappan*, 87(4), 324–328.

Vygotsky, L. S. (1978). *Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes*. Harvard University Press.



EDUCABEE

CONTATO

📍 Educabee – Transormando a Educação
Rua Major Oscar Campos, 242
Bairro Jardim Marconal
Rio Verde – GO
CEP: 75901-520
🌐 www.educabee.com.br
✉ comercial@educabee.com.br
☎ (64) 981526360

